

NORBERTO ÁVILA

algum teatro

I

Apresenta-se o Autor
com as suas Peças

As Histórias de Hakim

A Paixão segundo João Mateus

As Cadeiras Celestes

© Rosto Levantado

Título: Algum Teatro
Vol. I

Autor: Norberto Ávila

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Capa: desenho do autor

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira
Branca Vilallonga

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Setembro de 2009

ISBN: 978-972-27-1578-2

Depósito legal: 294 430/09

**APRESENTA-SE O AUTOR
COM AS SUAS PEÇAS**

Ainda que seja mais frequente um dramaturgo (quer por vontade própria, quer por sugestão do seu editor) recorrer à solidária disponibilidade de quem conheça minimamente o seu trabalho para o teatro, também não será caso inédito que se decida ele mesmo a apresentar um texto isolado ou uma recolha dos seus escritos nesse domínio literário. Esta última alternativa foi a minha opção; reconhecendo embora o inconveniente de não favorecer o aparecimento de abalizados testemunhos e reflectidas opiniões alheias, certamente estimulantes para o meu percurso vindouro e caucionantes do eventual valimento de quanto, contra ventos e marés, tenho ousado empreender em prol duma verdadeira dramaturgia portuguesa. Dadas, porém, as dispersivas ocupações profissionais a que nos sujeita a vida quotidiana, impensável seria importunar quem quer que fosse, comprometendo-o à sistemática leitura (ou releitura) de duas dezenas de peças teatrais, em quatro volumes, algumas até razoavelmente extensas. Pelo que — e seja esse um mal menor — me abalançei a assumir o escrupuloso empreendimento da sua apresentação, procurando salientar mais as minhas intenções de autor e a conseqüente concretização textual da imaginação criativa; menos, portanto, as eventuais virtualidades cénicas (suficientemente comprovadas) da maioria delas.

Vinte peças, portanto, e um título breve e despreten-
sioso: *ALGUM TEATRO*. Rondavam as três dezenas as dispo-
níveis no momento da selecção, pela qual sou absolutamente
responsável. De umas e outras — seleccionadas e preteri-
das —, direi o que me parecer mais a propósito, sem exces-
sos de entusiasmo e apenas na mira de satisfazer a legítima
curiosidade de eventuais leitores ou espectadores; quem sabe
até, de possíveis encenadores ou tradutores.



Pretendem alguns que as obras literárias (e artísticas
em geral) são sempre indissociáveis dos seus autores e res-
pectivas circunstâncias vivenciais. Não querendo deslizar
para amplas deambulações de ordem biográfica, não pode-
rei deixar de referir um ou outro passo existencial condicio-
nante dum percurso literário que, ao serem publicados estes
quatro volumes, atingirá os cinquenta anos.

Ora acontece que, muito recentemente, recolhendo ma-
teriais para uma exposição que se pretende realizar a meu
respeito, se me deparou um texto que escrevi para o progra-
ma da minha *Viagem a Damasco* (Grupo de Teatro Alpen-
dre, 1990). E, porque se trata dum texto de muito restrita
divulgação, sinto-me tentado a modelar por ele — mais pala-
vra menos palavra — o alinhamento destes próximos pará-
grafos.

Determinado estava que eu haveria de nascer a 9 de Se-
tembro de 1936, em Angra do Heroísmo. Numa quarta-feira.
Sob o signo da Virgem, o que, segundo dizem, justifica o meu
incansável gosto pelo trabalho (pudera: escolhi, contra todos
os riscos, o que mais me agradava!), uma certa preocupação
com a ordem, o método, de que procuro desembaraçar-me o
mais possível em qualquer actividade não-literária, para que
não seja o planeta Mercúrio completamente dono e senhor
da minha existência.

Nasci às 17 horas. Não sei se «eran las cinco en punto
de la tarde», como diz García Lorca, poeta que barbaramen-
te haviam assassinado um mês antes da minha chegada a

este mundo. Aliás, diga-se de passagem que esse ano de 1936 foi particularmente doloroso para a dramaturgia universal. É que, além de García Lorca, nele morreram também Valle-Inclán, Pirandello e Gorki, e ainda outros de menor destaque, como Miguel de Unamuno. Foi então que eu — logo que principiei a ter conhecimento destas transcendências — disse de mim para mim: «Mas que grande tragédia! Quem pudesse compensar minimamente a dramaturgia universal de tão enormes perdas!» E decidi-me pela escrita dramática. Não tão cedo, já se vê, mas aí pelos meus 16 anos. E comecei a inventar personagens e a obrigá-las ao diálogo e à acção. Mas não nos precipitemos.

Outras coordenadas do meu nascimento e dos anos que se lhe seguiram: a guerra civil de Espanha e a Segunda Guerra Mundial. Quanto ao local do acontecimento, o n.º 53 da Rua da Pereira, rua aliás propícia às Letras e às Artes, pois que nela nasceram também o pintor António Dacosta e o ensaísta e professor universitário Carlos Reis. (Que pena não haver ali uma maternidade! Hei-de sugerir isso a quem de direito.)

Meu pai, nascido na ilha de São Jorge, veio cumprir serviço militar a Angra do Heroísmo, onde casou. Minha mãe, essa era mesmo natural daquela cidade. E o meu progenitor (para variar o vocabulário), prosseguindo como músico a carreira militar, foi colocado primeiramente em Setúbal e depois em Évora. Foi então que, de regresso a Angra, aconteceu pousar a cegonha no telhado daquela casa da Rua da Pereira. Lá vinha eu, como terceiro filho duma série de seis, de que ficaram apenas quatro. Coube-me herdar o nome do meu irmão imediatamente anterior, nascido em Évora e de tenra idade falecido.

Contava eu 2 anos, nova transferência de meu pai, desta vez para o Funchal. E ali estivemos até 1948. Data deste período infantil o acesso a uma série de contos tradicionais europeus, numa tal colecção Manecas, pelo que logo ficou bem determinado ser a leitura o meu passatempo preferido.

Proporcionou-se então o nosso regresso aos Açores. Em Ponta Delgada, até 1953, altura duma nova transferência: para Coimbra.

Naquela cidade insular frequentei a Escola Comercial e Industrial Velho Cabral, frente à qual se construía então o Teatro Micaelense, onde viria a assistir ao primeiro espectáculo dramático profissional: *A Sobrinha do Marquês*, de Almeida Garrett, pela Companhia do Teatro Nacional de D. Maria II. Muito mais frequente, porém, era naquela sala o cinema. O *Hamlet* de Laurence Olivier, por exemplo — sendo eu já leitor assíduo de Shakespeare —, entusiasmou-me e marcou-me profundamente. (E mal sabia eu que, trinta e tal anos depois, ali se representaria, com excelente acolhimento público, uma peça minha: *O Marido Ausente*, pelo Teatro de Portalegre.)

Frequentando muito a biblioteca da escola e a Biblioteca Pública, o teatro revelou-se-me mais e mais, como forma literária, acabando por me seduzir. Esse gosto acentuou-se decisivamente com a possibilidade de assistir a representações profissionais, primeiro em Coimbra, depois em Lisboa.

De modo que, aos 16 anos, quando já havia experimentado a poesia e o conto, enveredei pela escrita teatral. Essas iniciantes obracinhas dramáticas, inevitavelmente condenadas a um oportuno e salutar desaparecimento, constituíram um proveitoso e indispensável exercício. Começaram a escapar algumas a partir de 1959, ano em que escrevi *A Descida aos Infernos* e *O Homem que Caminhava sobre as Ondas*. Esta última, que saiu em edição de autor, em 1960, foi generosamente saudada pela crítica (no tempo em que os críticos literários se dispunham a ler obras dramáticas) e por algumas personalidades do meio, cujo estímulo me foi precioso: Bernardo Santareno, Luiz Francisco Rebello, Pedro Bom, João Pedro de Andrade, Vasco de Mendonça Alves, Pedro Lemos, etc. O que é certo é que a peça, muito poucos meses depois de publicada, se estreava em Évora, na Sociedade Dramática Eborense. Encenador — o meu primeiro encenador: Joaquim Carrageta. Registo aqui o seu nome, com imensa gratidão. Na verdade, já com outras peças, entre Évora e Seul, quanto caminho andado!: Lisboa, Porto, Cascais, Portalegre, Barcelona, Paris, Berna, Genebra, Zurique, Groningen, Bruxelas, Liège, Berlim, Essen, Wuppertal, Hannover, Gottingen, Wiesbaden, Frankfurt, Mannheim, Estu-

garda, Munique, Magdburgo, Leipzig, Brno, Veneza, Belgrado, Maribor, Zagreb... e outras muitas dezenas de cidades a que o meu nome passou a estar ligado, quer pela representação, quer pela edição.

Abreviando, direi que, depois de uma outra estreia, desta vez já no teatro profissional (*O Servidor da Humanidade*, Teatro Popular de Lisboa, 1962), decidi mudar-me para Paris, desejoso de aprofundar os meus conhecimentos teatrais. E ali frequentei (1963-1965) a chamada Universidade do Teatro das Nações, onde, sob os auspícios da UNESCO, leccionavam personalidades tão diversas como Peter Brook, Jan Kott (de quem viria a traduzir o muito divulgado ensaio *Shakespeare Nosso Contemporâneo*), Giorgio Strehler, Jean Vilar, Bernard Dort, Jean-Louis Barrault, Denis Bablet, Nina Gourfinkel, Eugène Ionesco, Mário Baratto, etc. E nesta permanência em Paris foi-me dado assistir a centenas e centenas de espectáculos, tanto mais que o Festival do Teatro das Nações se prolongava por muitos meses, em diversas salas parisienses, o que me permitiu uma ampla visão da actividade teatral nos cinco continentes: do teatro medieval à *commedia dell'arte*, da tragédia grega ao teatro isabelino, do *kabuki* ao teatro de *boulevard*, da ópera de Pequim ao *happening*... (Sobre isso escrevi séries de crónicas para a Emissora Nacional e para o *Diário de Notícias*.)

Abreviando, ainda, direi que, apercebendo-me de que não havia em Portugal uma revista da especialidade, tal como eu a idealizava, criei e dirigi a que teve por título *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-1975). Aceitei chefiar, durante quatro anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura. Abandonei o cargo em 1978, a fim de poder dedicar-me mais intensamente ao meu trabalho de dramaturgo. E ousei tornar-me, assim, ao que parece, o primeiro escritor de teatro verdadeiramente profissional deste país, pelo menos nestas últimas décadas. Isto, diga-se a verdade, pelo bom acolhimento que começaram a ter algumas das minhas peças no estrangeiro, principalmente nos países de língua alemã, a partir de 1976.

Que dizer mais? Que traduzi obras dramáticas de Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti,

Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e L. Wouters, a pedido de editores e encenadores. Que adaptei, para as Marionetas de Lisboa, *D. Quixote e Sancho Pança*, de António José da Silva (1985), e extraí uma peça teatral do romance *O Bobo*, de Alexandre Herculano, para representações no Castelo de Guimarães (1997). Que prestei a minha colaboração à *Enciclopédia Verbo* (no domínio teatral). Que dirigi para a RTP (1.º canal) uma série de programas quinzenais (1981-1982), dedicados à actividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*. Que em 1985, com alguma relutância, aceitei leccionar História da Literatura Dramática na Cooperativa Árvore, do Porto. Que, logo depois do 25 de Abril, dei uma ajudinha (chamemos-lhe assim) para que se criasse o Centro Cultural de Évora (CENDREV) e empreendi algumas diligências para que não desaparecesse o grupo de marionetas tradicionais Bonecos de Santo Aleixo. Que viajei longa e frequentemente pela Europa, quer para assistir a representações de peças minhas ou a diversos festivais de teatro, quer para participar em congressos da mesma especialidade. (No início da década de 60, já por duas vezes havia tomado parte nos Encontros Internacionais de Juventude, em Avinhão, e assistido a todas as sessões do Festival organizado por Jean Vilar, com o Théâtre National Populaire, de Paris.)

Como é natural, não poderei deixar de referir que tenho ido laborando noutras áreas da literatura: ficção narrativa e poesia. Publiquei um romance (*No mais Profundo das Águas*, 1980) sobre Antero de Quental e a Geração de 70. Ainda inéditos, outros dois romances: *Frente à Cortina de Enganos* (a partir da comédia *Fortunato e TV Glória*) e *A Paição segundo João Mateus* (a partir da peça com o mesmo título), além duma série de contos, que pretendem constituir um panorama da vida social portuguesa dos nossos dias. Sou ainda autor dum livro de poemas — *Percurso de Poeta* (2000, Prémio Natália Correia) — e do álbum fotográfico *As Fajãs de São Jorge* (1992).



Das peças abruptamente relegadas (melhor dizendo: exterminadas pelo autor) pouco se há-de vir a saber. Quando muito, algum pesquisador mais pachorrento poderá encontrar nos começos epistolares dum escritor-por-fazer referência a algum título, a alguma temática tratada ou susceptível de tratamento dramaturgico (digamos assim). Mas não! Ora quem iria preocupar-se com a salvaguarda de semelhantes ninharias referentes às incipiências dum autor juvenil? Deixemos portanto de pensar nessa meia dúzia de textos dramáticos sacrificados em devido tempo, de muito reduzido mérito, pois com certeza, apenas aceitáveis como simples, rudimentares exercícios de escrita.

Já não direi o mesmo dessas outras peças sobreviventes a partir de 1959, as sete que antecederam as vinte seleccionadas para esta edição. Porque, modestos degrauzinhos que possam ser consideradas, asseguraram às mais afortunadas companheiras uma distinção sobremaneira honrosa por parte da Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Pelo que não quero deixar de consagrar-lhes umas palavrinhas de consolação. E assim vai a referência, breve que seja, a cada uma delas, respeitando, já agora, a ordem cronológica. (E aproveito para mencionar um critério que sempre tenho seguido em relação a obras minhas: o ano, entre parênteses, logo a seguir a um título, é o da escrita; datas de representação ou publicação vão mais concretamente indicadas, com os nomes dos teatros ou editores.)

A Descida aos Infernos (1959). — Peça em 2 partes, publicada pela revista *Rumo* no ano seguinte. Viria a ser apresentada pela RTP (1966), tendo como principais intérpretes dois actores de primeira plana: Ruy de Carvalho e Paulo Renato, o que, para um escritor tão jovem e quase desconhecido, não poderia deixar de ser um estímulo considerável. Trata-se dum texto que põe em cena a ambição do poder empresarial (muito embora a leitura se possa fazer a um nível mais amplamente político).

O Homem que Caminhava sobre as Ondas (1959). — Peça em 3 actos, edição do autor, Lisboa, 1960. Minha peça de estreia, no teatro amador, como já disse, nela quis abordar, du-

ma maneira poética, o tema da emigração açoriana (neste caso, para o Canadá). Manuseando o volumezinho, publicado há quase meio século, nem me lembrava que havia incluído na primeira badana uma citação de García Lorca, de 1936, ano da sua morte: «El teatro necesita que los personajes que aparezcan en la escena lleven un traje de poesía y al mismo tiempo que se les vea los huesos, la sangre.»

O Servidor da Humanidade (1962). — Um longo acto. Prémio Manuscritos de Teatro, nesse mesmo ano, o que por certo facilitou a minha estreia no teatro profissional, com essa mesma peça: Teatro Popular de Lisboa (Estufa Fria, 1962). Também representada em Aveiro e Angra do Heroísmo. Transmitida pela Emissora Nacional, Rádio Clube de Moçambique, Radiotelevisão Portuguesa, etc. Publicada pelas Edições Panorama, Lisboa, 1963. Fantasia dramática em jeito de parábola, admitindo a hipótese de o protagonista ter descoberto um sistema que desvenda os pensamentos mais íntimos. Aplica-o o inventor num caso específico: o velório dum homem rico. Daí o sucessivo, surpreendente registo de sentimentos dos circunstantes (parentes e amigos) em relação ao alto personagem extinto.

O Labirinto (1962). — Peça em não-sei-quantas sequências (— Onde raio guardei eu essa «obra-prima»?), a última que escrevi antes da minha estadia parisiense e do grande impacto que constituiu a frequência da Universidade do Teatro das Nações (1963-1965), a assistência aos três longos festivais já referidos e a muitíssimos outros espectáculos decorrentes naquela cidade. Peça inédita. (Ou quase: em 1964, esta obra, então intitulada *Viagem no Labirinto*, foi apresentada, como leitura-espectáculo, na própria Universidade do Teatro das Nações.) Trata-se dum caso de amnésia, cujo protagonista, inteiramente desconhecido, luta pela recuperação da sua identidade, submetido aos sucessivos interrogatórios de quantos, bem ou mal, o representam na sociedade em que ele se (des)integra.

A Pulga (1965). — Peça em 1 acto, inédita. (Se bem me recordo, chegaram a estar bem encaminhadas conversações para a sua representação, em francês, no Festival de Tea-

tro de Beirute...) E o assunto: o facto de um idoso, ainda bem conservado, deixar escapar uma pulga (acontecimento tão insignificante, na verdade; o que lhe desencadeia uma série de reflexões e temores sobre a inevitável decadência física e a eventualidade duma morte não muito longínqua...).

A Ilha do Rei Sono (1965). — Peça em 2 partes, a única que escrevi tendo em vista um público preferencialmente infantil, a convite da Companhia de Françoise Lepeuve, de Paris, que nesse mesmo ano a estreou, no I Festival de Nanterre. Publicada pela Plátano Editora (Lisboa, 1977) e por duas editoras alemãs: Verlag der Autoren (Frankfurt) e Henschel Verlag (Berlim). Representada pelo Teatro do Gerifalto (Lisboa, 1968) e pelo Schauspielhaus de Wuppertal (Alemanha, 1983); transmitida por várias estações de rádio de língua alemã. Traduzida também em servo-croata. Quanto ao assunto, assim o recorde, em duas palavras: Numa viagem de sonho, um rapazito (Manuel) arriba a uma ilha cujo rei justifica, com as permanentes insónias, a inactividade governativa. Depois, descobertas as causas dessas insónias, a inactividade real permanece: porque Sua Majestade passa o tempo a dormir... E é Manuel quem vai ministrando ao primeiro-ministro (duque da Atlântida, etc.) sugestões de sensata governação...

Magnífico I (1965). — Peça em 1 acto, inédita, a bem dizer uma obra de ficção científica, já que a acção (exterminada que foi a Natureza) decorre num futuro de «supercivilização», com uma tendência para o suicídio colectivo, mau grado o reduzido tempo de trabalho e o elevadíssimo grau de conforto...

Eis, em poucos parágrafos, as referências que pareceram minimamente apropriadas a sete das minhas peças mais antigas (com maior ou menor mérito de sobrevivência), escritas nos anos de 1959 a 1965. Se lhes juntarmos outras duas (*O Pavilhão dos Sonhos* e *Memórias de Petrónio Malabar*, muito posteriormente elaboradas e a pedir apresentação mínima), verificamos então serem nove as que não foram incluídas em *ALGUM TEATRO*.

O Pavilhão dos Sonhos (1979). — Originariamente escrita para a televisão, mantém a sua estrutura em sequências e proporciona um espectáculo completo. Até à data não foi representada nem publicada. A acção decorre num país imaginário da América Latina — Panamágua —, onde, após o entusiasmo duma revolução triunfante... dia a dia, por inaptidão governativa, ela se vai abastardando e perdendo.

Memórias de Petrónio Malabar (2008). — Peça para um só intérprete (uma novidade, portanto, na minha dramaturgia), expressamente escrita para a revista *Prelo*, da INCM (n.º 8, desse mesmo ano), que na versão actual se apresenta como um longo acto; numa nota de rodapé, porém, permiti-me esclarecer que se trata de um texto «susceptível de ampliação, mais conveniente a um espectáculo de duração normal».

Petrônio Malabar é um imaginativo e presunçoso comediante octogenário a viver numa denominada Casa dos Actores, em 2008. Em assíduo contacto telefónico com Carlos Finisterra (actor muito mais novo, seu discípulo e assistente de encenação), vai-lhe ditando as suas *Memórias*, com sucessivas alterações, ultrapassando muitas vezes o limite do verosímil. A dado passo, por exemplo:

PETRÓNIO — Trato, logo nos primeiros dias, de conhecer bem a cidade e contactar com o meio teatral. Apresento-me como actor e encenador português. E logo me recebem entusiasticamente. É então que o director do Teatro Fuenteovejuna se oferece para apresentar-me a Fidel, que logo no dia seguinte me recebe, com grande cordialidade, por entre fumarada de havano (genuíno, claro!). — Ó Finisterra, pare com essas risadas que me dão volta ao estômago! (*Pausa. Serenando:*) Não tardou o convite para encenar em Cuba uma peça portuguesa. Talvez esta, talvez aquela... E adiantei-lhe um título: *O Pavilhão dos Sonhos*. Fidel fixou-me um instante, desconfiado. Expliquei-lhe que a peça decorria num país imaginário da América Latina: Panamágua, que teve uma revolução bem sucedida; depois, triunfoso, esse país a foi deixando perder. Ele, com os nós dos dedos, bateu três pancadas no tampo da mesa. E congeminou então uma resposta breve, nestes termos: Que voltaríamos a falar no assunto. Mas que, para já, receava

ser aquela uma das peças que trazem mau agouro, como o *Macbeth*, cujo nome alguns britânicos não ousam pronunciar, dizendo sempre «a peça escocesa»...

Passemos então ao que mais importa: um vislumbre identificativo de cada uma das vinte peças que acabaram por constituir os quatro volumes de *ALGUM TEATRO*, ou seja: a grande maioria das obras dramáticas do período 1966-2007.

Não duvido que, tanto para o estudioso do nosso teatro como para o simples leitor de ficção dramática, alguma vantagem haverá na leitura deste conjunto de peças pela ordem em que foram redigidas; o que certamente permite o mais exacto conhecimento duma evolução de escrita, a todos os níveis. Tratando-se, porém, de uma colecção de obras tão diversificadas, é quase certo que alguns irão mais facilmente pela sugestão do título e não por outros motivos (tal como acontece com os volumes de contos de um mesmo autor). De qualquer modo, aí vai o que me parece suficientemente motivador duma leitura integral de cada obra, duma respectiva eventual encenação ou tradução. (E informações complementares poderão ainda anteceder o texto dramático.)

Quatro são as obras que integram o vol. I: *As Histórias de Hakim*, *A Paixão segundo João Mateus*, *As Cadeiras Celestes* e *O Rosto Levantado*.

As Histórias de Hakim (1966). — Peça em 2 partes, que trata essencialmente da posição do artista perante o poder. (Neste caso um poder totalitário, o da mítica Bagdade, em recuados tempos.)

Hakim, o protagonista, é um jovem contador de histórias que, com o seu talento verbal, denuncia corrupções e injustiças quotidianas. A partir de *O Tapete Voador* (uma quase-história, na medida de ser um episódio em que ele próprio realmente participou), desenvolvem-se os verdadeiros contos, constituintes da posterior ficção dramática: *A Arca de Sândalo*, *Os Ladrões-Bailarinos* e *O Aparento Maruf*. Temos então uma acção diversa mas interligada, com suas personagens básicas sujeitas a várias metamorfoses,

devidas a um devaneio imaginativo, a uma inesperada subida na escala social ou até a secretas vivências alternativas. De qualquer modo, tratando-se duma peça de teatro, era imprescindível que o «narrativo» se tornasse de imediato «vivido».

Quanto ao fascinante ambiente exótico do mundo árabe (que voltei a recriar em *Viagem a Damasco*), resulta de um estudo específico, continuado, logo a partir de 1965, ano em que, integrado num grupo de estagiários da Universidade do Teatro das Nações, visitei longamente o reino de Marrocos. Em Marráquexe, na celebérrima praça Djemaa el Fna, deparou-se-me o primeiro contador de histórias. E logo comecei a idealizar o irreverente Hakim, tão solidário com os menos afortunados.

Um breve apontamento de diálogo entre o Grão-Vizir e Hakim (o ilustre, inesperado visitante, é um tal Idriss, que começou por ser mirabolante vendedor de tapetes «mágicos» e agora, secretamente, alterna as funções governativas com o nocturno passatempo de salteador):

GRÃO-VIZIR — Toma cuidado, Hakim. Chegaram já a meus ouvidos notícias de novas histórias que inventaste, nas quais o venerável Califa e eu próprio somos tratados com certa irreverência, com certo desrespeito...

HAKIM — Também o povo de Bagdade merece respeito, e continuamente é desrespeitado pelos que o governam.

GRÃO-VIZIR — Hakim: Será necessário lembrar-te que disponho de plenos poderes para encerrar-te na mais escura masmorra ou até para cortar-te a cabeça, de pronto? Esqueces, acaso, a sorte de vários companheiros teus na perigosa arte de efabular fantasias?

HAKIM — A esses, venerável Grão-Vizir, rendo a mais comovida homenagem. Pelo seu exemplo. E pela dedicação que demonstraram à causa desta cidade oprimida. Espero não vir a ser menos corajoso e assumir integralmente as responsabilidades da minha profissão. Até ao extremo limite de todas as minhas forças.

ÍNDICE

Apresenta-se o autor com as suas peças, <i>por</i> NORBERTO ÁVILA	7
AS HISTÓRIAS DE HAKIM — 1966	43
A PAIXÃO SEGUNDO JOÃO MATEUS — 1972 e 1978	125
AS CADEIRAS CELESTES — 1975	227
O ROSTO LEVANTADO — 1977-1978	311

Vol. II

VIAGEM A DAMASCO — 1980	7
DO DESENCANTO À REVOLTA — 1982	103
OS DESERDADOS DA PÁTRIA — 1988 *	163
FLORÂNIA OU A PERFEITA FELICIDADE — 1983	227
D. JOÃO NO JARDIM DAS DELÍCIAS — 1985	325

* Excepcionalmente fora de ordem, por ser esta peça a sequência da anterior.

Vol. III

MAGALONA, PRINCESA DE NÁPOLES — 1986	7
O MARIDO AUSENTE — 1988	115
AS VIAGENS DE HENRIQUE LUSITANO — 1989	171
A DONZELA DAS CINZAS — 1990	245
UMA NUVEM SOBRE A CAMA — 1990	301

Vol. IV

ARLEQUIM NAS RUÍNAS DE LISBOA — 1992	7
OS DOZE MANDAMENTOS — 1993	61
FORTUNATO E TV GLÓRIA — 1995	131
O CAFÉ CENTAURO — 1996	215
SALOMÉ OU A CABEÇA DO PROFETA — 2000	277
PARA ALÉM DO CASO MADDIE — 2007	331

Acabou de imprimir-se
em Setembro de dois mil e nove.

Edição n.º 1015322

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br